

**Metamorfoses florestais:
Culturas, ecologias e as
transformações históricas
da Mata Atlântica**

**Diogo de Carvalho Cabral
Ana Goulart Bustamante**
Organizadores



Sumário

Introdução

| | |
|---|----|
| Mudanças na Mata | 17 |
| <i>Diogo de Carvalho Cabral, Ana Goulart Bustamante</i> | |

I

Emergências ecológicas e conceituais 35

| | |
|---|----|
| A Mata Atlântica no final do Quaternário: Dinâmicas climatobotânicas e antropogênicas desde o Último Máximo Glacial | 37 |
| <i>Vivian Jeske-Pieruschka, Marie-Pierre Ledru</i> | |

| | |
|---|----|
| Da província ao bioma: Representações da Mata Atlântica | 54 |
| <i>Leonardo Castro</i> | |

II

Mundos paleoindígenas 83

| | |
|--|----|
| Os habitantes pré-coloniais da Mata Atlântica Nordestina | 85 |
| <i>Carlos Etchvarne</i> | |

| | |
|--|-----|
| Dez mil anos de convivência: A Arqueologia da Mata Atlântica do Sudeste | 106 |
| <i>Astolfo G. M. Araújo</i> | |

| | |
|--|-----|
| Ecologias culturais na Mata Atlântica pré-colonial de Santa Catarina | 124 |
| <i>Deisi S. Eloy de Farias, Andreas Kneip, Geovan Martins Guimarães, Alexandro Demathé, Tiago Atorre, Paulo DeBlasis</i> | |

III

Encontros e regimes coloniais..... 149

| | |
|---|-----|
| O pau-brasil na bahia colonial: Zonas de ocorrência, condições de exploração e impactos ambientais | 151 |
| <i>Marcelo Henrique Dias</i> | |

Porcos do Alentejo, malaguetas da Bahia: Intercâmbio biológico na Mata Atlântica quinhentista 176
Christian Fausto Moraes dos Santos, Fabiano Bracht, Gisele Cristina da Conceição

A Mata Transatlântica: Afrodescendentes e transformação socioecológica no litoral da Bahia 194]
Case Watkins, Robert Voeks

A mineração e a mata: Água, madeira e técnica na exploração do ouro nas Minas Gerais setecentistas 224
Carolina Marotta Capanema

Botânica e gestão florestal na Bahia atlântica de fins do século XVIII 245
Rodrigo Osório Pereira

IV

Antropoceno 263

Com açúcar e sem afeto: A cana e a devastação da Mata Atlântica nordestina 265
Cristiane Gomes Barreto e José Augusto Drummond

Relíquias da destruição Registros arqueológicos da supressão da Mata Atlântica no Vale do Paraíba 286
Alex Ubiratan Goossens Peloggia

Floresta urbana, sistema emergente: Transformações socioecológicas no Maciço da Pedra Branca, cidade do Rio de Janeiro 305
Gabriel Paes da Silva Sales, Alexandro Solórzano, Rogério Ribeiro de Oliveira

A economia madeireira na Mata Atlântica interiorana, 1920-1960 ... 318
Christian Brannstrom

Vida e morte da Floresta com Araucária 350
Eunice Sueli Nodari

Extrativismo e transformação na Mata Atlântica meridional 367
Marcos Gerhardt

Indústria madeireira e devastação da Floresta com Araucária no médio Vale do Iguaçu 387
Miguel Mundstock Xavier de Carvalho

V

Cenários atuais e perspectivas futuras 411

Transição florestal em São Paulo: Uma nova história para a Mata Atlântica? 413

Juliana S. Farinaci, Ramon F. B. da Silva, Simone A. Vieira

Conservação da Mata Atlântica brasileira - um balanço dos últimos dez anos..... 434

José Maria C. da Silva, Luiz Paulo Pinto, Márcia Hirota, Lúcio Bedê, Marcelo Tabarelli

Extrativismo e transformação na Mata Atlântica meridional*

Marcos Gerhardt

Universidade de Passo Fundo

No Brasil, a historiografia sobre a Mata Atlântica desenvolve-se e amadurece desde a publicação da obra clássica de Warren Dean. Analisando as complexas interações humanas com a ecologia da Mata Atlântica, Diogo de Carvalho Cabral narrou uma história diferente daquela de *A Ferro e Fogo*. Embora concordando que a floresta foi drasticamente transformada – restringindo-se, na atualidade, a pequenos fragmentos esparsos – Cabral questiona a voracidade do desflorestamento, no período colonial, quando o latifúndio escravista talvez tenha retardado o avanço da conversão agrícola, ao invés de tê-la acelerado. No âmbito teórico, Cabral defende um olhar que considera as sociedades humanas como um processo de interação – inclusive com o ambiente – e não, simplesmente, como um grupo de pessoas.¹

Na Mata Atlântica meridional, onde as principais ondas de povoamento chegaram a partir do século XIX, essas interações incluíram várias modalidades de extrativismo, especialmente das espécies vegetais madeiráveis e da erva-mate (*Ilex paraguariensis*, St. Hilaire). Os ramos e folhas da erva-mate, depois de secos e triturados, eram utilizados para o preparo de bebidas estimulantes, amplamente consumidas no sul do Brasil e países vizinhos, com expressiva importância socioeconômica e cultural. O mate e a araucária (*Araucaria angustifolia*, Bertol., O. Kuntze), ambas endêmicas, conferiram particularidades à Mata Atlântica meridional e mediaram as relações de diferentes populações humanas com o ambiente florestal.

O presente capítulo trata do desenvolvimento destas modalidades de extrativismo, sobretudo nos séculos XIX e XX, e das suas consequências sociais e ambientais: aumento da densidade demográfica, construção de novas paisagens, degradação de modos de vida tradicionais e perda de biodiversidade. Esse conjunto de transformações pode ser concebido como uma face do Antropoceno, ou seja, uma dimensão do período histórico no qual a ação de alguns grupos humanos sobre a ecologia regional foi intensa.